

Resumo do Estudo de Plausibilidade, 06/11/2021

Os links *não* conduzem a traduções, mas talvez seja possível traduzir passagens particularmente interessantes com a ajuda da Internet. Sugestão de citação: Sponset, Rudolf (06/11/2021) Resumo do Estudo de Plausibilidade. Publicação na Internet quanto a Psicoterapia Geral e Integrativa (IP-GIPT): <https://www.sgipt.org/wisms/sprache/BegrAna/Plausib/RSEUPT.htm>.

Base da fonte: a partir da análise da literatura de investigação, especialmente também [Rescher 1976](#), a análise de [exemplos de utilização](#) e com base nos resultados do meu [estudo piloto](#) empírico, cheguei à seguinte conclusão principal: em muitos contextos na ciência e na vida, o termo plausível ou plausibilidade é utilizado como um termo básico indefinido e geralmente compreensível e, normalmente, também funcional com as caracterizações centrais *plausível, compreensível, credível, coerente, correto, poderia ser assim, provavelmente verdadeiro*. No entanto, a maioria das tentativas de esclarecimento dos termos não resulta em nada, pois um termo pouco claro como *plausível* é desviado para outros termos, igualmente pouco claros, etc. etc. Deste modo, surgem [estações completas de mudança conceptual](#), típicas especialmente nas ciências humanas, jurídicas, sociais e culturais.

Antes de definir a plausibilidade, é sensato abordar uma análise conceptual precisa. Esta é difícil, mas necessária. Plausível é uma expressão [metalinguística](#) de pelo menos 2.º nível, pois há motivos em toda a avaliação de plausibilidade₁ que pertencem ao primeiro nível metalinguístico. Os termos mais importantes são indexados para uma maior clareza e facilidade de compreensão: linguagem de objeto₀, metalinguagem₁, metalinguagem₂, metalinguagem₃ ... Uma metalinguagem não descreve factos₁ *no(s) mundo(s)*, por exemplo, *existe aí₀ uma árvore* (a chamada linguagem de objeto₀), mas avalia as descrições dos factos₁, por exemplo. *é correto₁ (errado₁, questionável₁, absurdo₁) que existe uma árvore aí₀*. Metalinguagem₁ 1.º nível: *há uma corrente de ar, pois₁ a porta e a janela estão abertas₀*. Metalinguagem₂ 2.º nível: *é plausível₂ que haja corrente de ar, pois₁ a porta e a janela estão abertas*. Linguagem de objeto₀: *está₀ quente, a porta e a janela estão₀ abertas*. Metalinguagem₁ 1.º nível: *a porta e a janela estão₀ abertas, pois₁ está quente₀*. Metalinguagem₂ 2.º nível: *é₀ plausível₂ que a porta e a janela estejam abertas₀, pois₁ está quente₀*. "*Pois₁*" não se pode perceber diretamente que a [relação casual](#) é uma construção epistemológica. E mais metalinguagem₃ 3.º nível: *não vejo₃*, por isso é que deveria ser plausível₂. Por isso, aqui encontra-se uma discussão₃ *sobre* uma avaliação de plausibilidade₂.

Ideia básica: se ou em que medida algo é avaliado como plausível₂ depende das razões₁ apresentadas a favor ou contra um facto₁. Isto levanta primeiro a importante questão de qual deve ser uma razão₁.

[Razão₁](#), um termo metalinguístico de 1.º nível, são [todos os_j factos₁](#) que influenciam mais ou menos outros factos₁, promovendo-os ou inibindo-os. [Causalidade₁](#), probabilidade₁, frequências₁, regularidades₁ e legalidades₁ desempenham um papel importante junto das razões₁, assim como as experiências₀ e o que já foi experienciado₀. Todos os critérios para a *verdade₁* ou a *falsidade₁* de factos₁ podem também desempenhar um papel importante para a plausibilidade₂.

A primeira base para a plausibilidade₂ é, por isso, a *quantidade de razões₁* estabelecidas a favor ou contra um facto₁. Apesar de, às vezes, bastar uma única razão₁, geralmente nem todas as razões₁ são de igual valor, então a questão importante que deve ser respondida quanto ao modo como as razões₁ devem ser ponderadas₂, mais precisamente: como se pode justificar ponderações diferentes₂. Isto pode ser fácil se a razão₁ for, por exemplo, a frequência₁. Então pode igualar a ponderação₂ e a frequência₁. É possível fazer algo semelhante com probabilidades₁. Outra ideia é assumir o valor da previsão₁ quando os factos previsíveis₁ estão em questão: então as ponderações seriam₂ boas, o que permite a melhor previsão possível₁. O

trabalho relativamente a [esquemas de argumentação](#), por exemplo, Walton et al. (2008), pode fornecer uma ajuda importante no registo e na avaliação das razões. Com o atual estado de conhecimentos, onde dificilmente são analisados e calculados [modelos padrão](#), é necessário contentar-se com justificações exigentes para se poder examiná-las criticamente.

Isto leva-me à minha proposta de definição de plausibilidade₂:

D1: um facto₁ é plausível₂ (pl) na medida em que podem ser apresentadas₂ [razões](#)₁ G₊ **ponderadas mais fortes a favor** e₂ razões₁ G₋ **mais fracas contra** este.

Basicamente, as razões₁ podem ter quatro modalidades₁: podem ter um efeito positivo (+), um (negativo (-), tanto positivo como negativo (+ -) e um efeito questionável, pouco claro e indeterminado (?). Uma avaliação total de plausibilidade₂ (PL) de um facto₁ consistiria assim numa indicação **quadruplicada**: +, -, + -, ?. Na prática, é provável que muitas vezes se consiga limitar às duas primeiras modalidades (razões₁ a favor e razões₁ contra), de modo que no final resulte uma **fórmula de plausibilidade**, pois uma resulta da outra:

$$\begin{aligned} pl_+ &= (G_+) / (G_+ + G_-) \\ pl_- &= 1 - pl_+ \end{aligned}$$

Exemplo geral: se as ₂ razões₁ ponderadas G₊ forem a favor de um facto₁ por ex.₊ = 3 e as ₂ razões₁ ponderadas G₋ forem contra este facto₁ G₋ = 1, então, ao inserir os números absolutos, obtém-se $pl_+ = (3) / (3 + 1) = 3/4$ ou $pl_+ = 0,75$ e, por isso, para $pl_- = 1 - 0,75 = 0,25$.

Exemplo concreto ([EA31](#)): supondo que, pelas ₂ razões₁ ponderadas: G₊(a estrada está₀ molhada, **porque**₁ choveu) = 998, G₋(a estrada está₀ molhada por outras razões) = 27, então a plausibilidade para $pl_+(a\ estrada\ está_0\ molhada,\ \textit{porque}_1\ choveu) = (998) / (998 + 27) = 998/1025 = 0,974$ e $pl_-(a\ estrada\ está_0\ molhada\ por\ outras\ razões) = 1 - 0,974 = 0,026$.

Problema de escala: aquando da utilização das operações matemáticas básicas (adição, subtração, multiplicação, divisão), é um pré-requisito que os valores [numéricos](#) estejam disponíveis pelo menos ao nível da escala de intervalos, o que é dificilmente alcançável. A área intermediária importante entre as escalas ordinais e de intervalo não foi reconhecida nem determinada por [Stevens \(1946\)](#). Pode-se interpretar os valores numéricos correspondentemente mais fracos (intervalo quase ou fuzzy escalado) e provar a sua utilidade pragmaticamente como justificação.

Investigação de plausibilidade

Palavras-chave para investigação de plausibilidade: plausibilidade, argumentação, lógica quotidiana, teoria da evidência, crença, credibilidade, autenticidade.

Sobre a importância de *plausibilidade*₂ na ciência de língua alemã > [Koch](#), que, no entanto, ignorou a *lógica do quotidiano* 1992 de Kienpointner, a entrada de [Schill](#) no Dicionário de ciências cognitivas (1996) e a entrada informativa no *Dicionário histórico de retórica* (HWR). A minha análise, entre outras, na [lógica](#), [teoria científica](#) e [filosofia](#) mostra que *plausível/plausibilidade* é frequentemente utilizado, mas quase nunca é explicado ou justificado (exceção Kienpointner, HWR). Só o programa editorial internacional de [DeGruyter](#) contém mais de 10 000 exemplos de utilização de todos os domínios da ciência, apenas alguns dos quais estão incluídos na minha investigação.

A situação era diferente nos EUA. Nos EUA Havia uma extensa investigação de plausibilidade, como mostra a [bibliografia de Schmidt-Scheele](#), em que gostaria de destacar [Plausible](#)

[Reasoning](#) 1976 de Rescher e [Plausible Argument](#) 1992 de Walton

Não pude considerar muitas áreas linguísticas (por exemplo, Ásia, Austrália, Oceânia, América do Sul e Central, África, regiões árabes, Europa) devido à falta de competências e conhecimentos [linguísticos](#) e, por isso, nada posso afirmar sobre estes. Por isso, as minhas declarações apenas podem ser aplicadas às minhas fontes. Infelizmente, muitas vezes as realizações intelectuais de pequenos povos e minorias (por exemplo, povos indígenas) não são consideradas na ciência.

Resultados (seleção) do meu [estudo piloto](#) empírico não representativo: foram examinadas 24 características com 52 editores com a pergunta: quanto da característica é plausível? E foram perguntadas 21 razões com base numa regra com um exemplo explicativo. Nas avaliações houveram 9 escolhas: 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, ? possíveis pelas 24 características e 21 razões. As [escolhas](#) de características e razões foram avaliadas de modo diferenciado de acordo com [tudo](#), [idade](#), [sexo](#), [escolaridade](#) e [profissões](#), pelo que se verificou que não existiam grandes diferenças nas avaliações. Para a maioria das pessoas, um [facto](#)₁ parece tanto *mais plausível*₂ quanto mais razões credíveis e verificáveis₁ existirem para a sua realização. O *plausível*₂ não deve contradizer a experiência comprovada₁ e não deve, por si só, conter nenhuma contradição₁. No total, estão disponíveis 52 documentos de [psicologia do pensamento](#) extraordinariamente valiosos, cuja avaliação *completa* ainda vai demorar algum tempo. Além disso, foi realizada uma [correlação multivariada e uma análise de valor próprio](#) que ainda gerou [17 dependências quase lineares](#) (quase colinearidades), o que mais impressiona pela relação entre as razões₁ [35-36](#).

A **base conceptual** para a [definição](#) de plausível: [argumento](#), classes de avaliação, fórmula, função, legalidade, ponderação, problema de ponderação, razão, frequência, causalidade, metalinguagem(ns), possibilidade, utilidade, linguagem do objeto, pragmática, factos, avaliação total de plausibilidade, estrutura, regularidade, problema de escala, probabilidade, efeito.

É importante garantir que os termos da base conceptual sejam claramente definidos, a fim de limitar de forma sustentável [estações de mudança conceptual](#), o grande vício das ciências humanas, jurídicas, sociais e culturais (>[crítica linguística](#)). Se as definições forem demasiado difíceis, é possível ajudar-se com exemplos típicos e contraexemplos, de preferência especificamente [operacional](#) com [referenciação](#). Muitos problemas podem ser resolvidos assim que um se torna especificamente operacional e não apenas [pensado](#).